

Rui Facó: uma interpretação do Brasil na perspectiva da revolução brasileira

Milton Pinheiro

marxismo²¹ lança o dossiê Rui Facó como uma contribuição histórico-política para debater as formulações de intelectuais que pensaram o Brasil e que foram orgânicos à luta pela revolução brasileira na longa jornada do século XX. Este intelectual e militante comunista cearense teve uma das mais ativas e perenes contribuições ao debate sobre o Brasil, a partir das questões que envolviam os trabalhadores no campo brasileiro e o debate que envolvia a noção de povo.

Jornalista e escritor, Rui Facó deu uma enorme contribuição na imprensa brasileira de 1937 até a sua morte, em 1963. Neste dossiê encontram-se muitos trabalhos de Rui Facó sobre o Brasil, a partir de temas candentes de sua época.

Compreende-se que é necessário abrir uma nova frente na batalha das ideias, tornando público o papel desenvolvido pelos trabalhadores e as lutas que marcaram a história brasileira, seja no campo ou na cidade. Falar de suas ações, aprofundar as formulações dos intelectuais do campo marxista que construíram com a sua presença e estudo para a revolução brasileira. Trata-se, mais do que nunca, de lutar por uma hegemonia dos trabalhadores.

Rui Facó formulou uma análise para entender o Brasil no século XX, abriu trilhas para desvendar a realidade social a partir do arcabouço da tradição marxista que dispunha em sua época, centrada nos estudos sobre a formação social brasileira, a partir das categorias *povo, nação e lutas sociais*. O seu cabedal interpretativo está centrado no rigor historiográfico e no aprofundamento da análise política. Para além das falsas premissas, que hoje são apresentadas pela lógica pós-moderna, encontramos nele uma interpretação da realidade pautada nos processos de lutas, cuja orientação era a procura por uma nova sociabilidade na história.

Rui Facó nasceu em Beberibe, no Ceará, em quatro de outubro de 1913 e a perspectiva de trabalho desenvolvida por ele teve a influência da realidade nordestina. Portanto, a partir desse *locus*, desenvolveu um compromisso de pesquisa sobre o Brasil, e o processo de autoconstituição do povo. Essa preocupação tornou-se um programa de pesquisa, orientado pela análise da luta do povo contra a opressão; do conjunto das lutas sociais; das manifestações dos índios; dos escravos; do que ocorreu em Canudos; das manifestações e atos dos cangaceiros; dos movimentos dos beatos; dos movimentos

republicanos; das lutas pela libertação do imperialismo; e da guerra engendrada pelo latifúndio. Tudo isso, a partir do princípio dialético da relação entre dominação e resistência, que formou o todo articulado que compreendemos como nação.

Rui Facó analisou a realidade histórica do Brasil, orientado por duas questões: primeiro, na estrutura das forças produtivas e, no segundo momento, na questão do monopólio da terra. A partir daí, ele identifica como questões centrais que precisavam ser afrontadas: o latifúndio, a ação do colonialismo e a dominação cultural, que tinham um peso sobre a realidade nacional, em particular, pelo papel que as classes dominantes davam aos segregados desse processo societário. Como historiador do desenvolvimento do país e do desenvolvimento desigual do nordeste, Rui Facó estudou o papel dos movimentos populares, levando-se em consideração a questão nacional, a questão sindical, estudantil, camponesa, o papel da igreja, da imprensa, e o comportamento da chamada “burguesia nacional” dentro da influência exercida pela historiografia ibérica e das teses da III Internacional.

No livro *Brasil Século XX*, um minucioso estudo sobre o país, Rui Facó fez um debate sobre as forças produtivas e o nível de desenvolvimento do capitalismo entre nós. Alertando sobre os descaminhos do processo político, sinalizando para o papel que deveria ser desempenhado pelos trabalhadores no cenário da luta de classes; sem abrir mão de avaliar que a presença da vanguarda comunista nesse contexto era uma necessidade histórica.

No seu livro mais conhecido, *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*, que tem um valor histórico extraordinário, ele apresenta uma interpretação inédita das contradições brasileiras, pautada nas questões da terra, nas lutas dos despossuídos, apresenta uma sociologia das manifestações religiosas e examina o poder político no Brasil. Tudo isso analisado com o rigor da dialética marxista, pois apreende na história o processo da luta entre as classes sociais.

Rui Facó identifica no papel político das classes dominantes, uma reação para impedir o ajuntamento de comunidades, entendido aí como ajuntamento de pessoas pobres em várias áreas do nordeste. Compreende que na lógica do poder político, essa situação era um perigo à continuidade da dominação de classe que perenizava o latifúndio. Ele percebia, ao mesmo tempo, uma preocupação dos reacionários com o princípio de solidariedade que se estabelecia nas diversas comunidades onde ocorriam as lutas pela terra.

Rui Facó questionou a interpretação oficial que era dada às lutas no campo, qualificadas pejorativamente de misticismo e dotadas de passividade. Para ele, podem-se até encontrar características de uma resistência passiva a partir do papel desempenhado por figuras como Antônio Conselheiro, beato Lourenço e Padre Cícero. No entanto, a história comprovou o forte papel de resistência e luta concreta nas ações dos trabalhadores do campo, fato comprovado desde o começo do século e, em especial, pelas guerrilhas dos anos 1950 e pelas lutas das ligas camponesas.

Sua análise sobre novos personagens e sobre o papel do campo na formação social brasileira comprova uma leitura inédita. Ao avançar nesses estudos ele questionou de forma original as formulações racistas de Euclides da Cunha sobre a noção de povo. Sua compreensão sobre o grau de desenvolvimento do capitalismo, a leitura sobre a classe dominante e suas frações, a análise das lutas sociais como contribuição pedagógica articularam instrumentos de pesquisa que comprovaram a qualidade metodológica de seus instrumentos de investigação. Portanto, nota-se o refinamento conceitual para entender as questões sociais de seu tempo.

A partir do seu ingresso no PCB e das profundas agitações políticas do Brasil, Rui Facó desenvolveu uma intensa militância na Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento de frente única que contestava o governo Getúlio Vargas e, após o levante comunista de novembro de 1935, foi morar em Salvador, onde começou a sua longa atuação na imprensa brasileira atuando primeiramente nos *Diários Associados* e participando da fundação da revista *Seiva*, em 1938. Ainda na Bahia, durante a segunda metade dos anos 30, ele foi encarcerado pela polícia getulista em virtude de sua intensa atividade política e intelectual.

Quando a segunda guerra acabou, Rui Facó foi morar no Rio de Janeiro, começando a trabalhar na redação do jornal *A Classe Operária* e, a partir daquele momento, passou a escrever para diversos jornais e revistas de todo o país. Construindo, a partir daí, o alicerce das suas formulações sobre a formação social brasileira e a questão da revolução.

Em 1952 foi morar na URSS, onde trabalhou na Rádio Moscou, tendo uma intensa “atividade literária e jornalística”. De volta ao Brasil em 1958, Rui Facó avançou no desenvolvimento de suas formulações mais sistemáticas sobre a interpretação do Brasil e aprofundou uma intensa intervenção na batalha das ideias até 1963. Encontramos a sua enorme presença intelectual em muitos periódicos e jornais: *Seiva*, *Flama*, *Continental*, *Problemas*, *Estudos Sociais*, *A Classe Operária*, *Tribuna*

Popular, Hoje, Momento, O Democrata, Voz Operária, Novos Rumos e na agência de notícias, *Interpress*.

Temos, de sua autoria, importantes trabalhos de interpretação conjuntural e de imenso valor histórico: artigos sobre a eleição de Miguel Arraes em 1962, para o jornal *Novos Rumos*, um artigo sobre a fundação do Movimento Unificador dos Trabalhadores, *o MUT, instrumento de unidade da classe operária*, publicado no jornal *Tribuna Popular*, em 1945. Um denso estudo sobre as lutas dos camponeses em 1963, mas, também, uma incursão pela crítica teatral, escrevendo sobre a estreia de uma peça de Dias Gomes, em 1962.

Intelectual seminal e orgânico militante político, o historiador e sociólogo Rui Facó dedicou os últimos cinco anos da sua vida (1958-1963) ao exercício da construção da hegemonia proletária, no exercício do papel de jornalista. Foi nessa condição que ele veio a falecer em desastre aéreo na Bolívia, dia 15 de março de 1963. Não obstante o prematuro desaparecimento, ele nos legou uma obra que construiu pontes para explicar a realidade brasileira, a partir das lutas sociais e do papel do povo. Seu livro mais conhecido (*Cangaceiros e fanáticos*) foi publicado, poucos dias após o seu falecimento, com grande repercussão na ABI, no Rio de Janeiro.